
- **RETÓRICA E ESTILÍSTICA I**

Coordenador(a): Jeane Mari Sant'ana Spera

ARTE ENGENHOSA NOS CANCIONEIROS MEDIEVAIS:EXEMPLOS

Oswaldo Humberto Leonardi Ceschin (USP)

Cantigas dos cancioneiros medievais galego-portugueses podem apresentar recursos de construção e expressão que exibem sofisticados procedimentos de escolha para mais que os modelos retóricos convencionais dos gêneros em que se incluem nas classificações conhecidas.

Alguns desses textos apresentam ambigüidades de referência e de intenção com sensíveis apelos de emotividade que os caracterizam como autênticos exemplares de experimentação de recursos não apenas retóricos, mas também estilísticos de notáveis efeitos expressivos.

O trabalho pretende apresentar ao menos dois casos em que os cantares expõem o domínio da arte e do engenho dos autores a ponto de merecerem a admiração pelo resultado de sua habilidade estética e pela sua inspiração.

A EXPRESSIVIDADE DO SUFIXO -INHO

Celso Antônio Bacheschi (PUC-SP)

Este trabalho tem como corpus as gravações realizadas pelo Projeto NURC/SP, contidas nos três volumes da série A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. Nelas, analisam-se as ocorrências do sufixo -inho, de uso muito difundido no português do Brasil.

Ao lado do sentido de diminutivo, -inho foi adquirindo outros especialmente expressivos, entre os quais se identificam os de afetividade, intensificação, atenuação, exatidão, ausência de dúvida, pejoração, semelhança, eufemismo, exigüidade e ironia. Inicialmente ocorrendo como forma presa a substantivos, o sufixo -inho passa a ligar-se a palavras de outras classes como os adjetivos, advérbios, numerais, pronomes, verbos e interjeições.

Na análise do corpus, observa-se que o valor que o sufixo confere à palavra pode variar de acordo com o contexto, de modo que “vidinha”, por exemplo, pode expressar tanto carinho como desprezo. Observa-se também que o sufixo -inho é mais freqüente quando os falantes tratam de temas como animais, crianças e alimentos.

Como referencial teórico, foram utilizados, além de conceitos de estilística; alguns de Análise da Conversação, pelo fato de o corpus ser constituído de transcrições de textos orais.

A FUNÇÃO DAS EMOÇÕES NO PROCESSO ARGUMENTATIVO JURÍDICO – A DEFESA

Maria Helena Cruz Pistori (USP)

Neste trabalho pretendemos analisar uma peça jurídica processual - Alegações Preliminares -, o discurso de defesa de um réu que, junto a outros três, foi acusado de homicídio triplamente qualificado: motivo torpe, extrema crueldade e recurso que impossibilitou a defesa da vítima. Trata-se de um texto em que as emoções exercem um papel essencial, principalmente porque o defensor do réu é seu padrasto. Pretendemos investigar quais mecanismos argumentativos são utilizados pelo enunciador para mobilizar as paixões do enunciatário, levando-o ao fazer crer necessário à sua persuasão. Em virtude de nossa preocupação com a análise dos procedimentos e mecanismos que estruturam o texto como totalidade, utilizaremos a antiga e as novas retóricas como fundamentação de nossa análise, assim como a semiótica, no tocante à sintaxe discursiva. Tanto a retórica, desde Aristóteles, como as novas retóricas tratam das paixões e nos mostram que constituem um estado móvel, sempre suscetível de ser revertido. Já a semiótica será utilizada para verificar como se fundamenta o contrato de veridicção entre enunciador / enunciatário, pois, na construção lingüística de um mundo referencial, os discursos constroem efeitos de sentido de verdade, isto é, aquilo que é e parece verdadeiro. São as marcas de veridicção que permeiam o discurso que levam o enunciatário a aceitar o fazer persuasivo do enunciador. Pretendemos, pois, verificar quais marcas enunciativas, especialmente as passionais, levam ao fazer crer do enunciatário.

ESTABELECIMENTO DE UM MODELO DE PESQUISA LÉXICO-ESTILÍSTICA APLICADA A TEXTOS DE ESCRITORES SIMBOLISTAS

Nelson Luís Ramos (UNESP)

Vimos nos dedicando, desde a nossa Pós-Graduação, ao estudo de vocabulários poéticos de dois autores simbolistas, dos quais levantamos todo o vocabulário dito nocional de seus escritos poéticos. Isto acabou nos propiciando uma visão nova de suas preferências vocabulares, levando-nos a constituir, a partir dos campos léxicos, os campos temáticos de suas obras poéticas. Amparados nessa experiência, que nos rendeu muitos frutos, partimos agora para o estabelecimento de um modelo de pesquisa léxico-estilística aplicado a textos literários que possa ser utilizado posteriormente quer em pesquisas particulares, quer em pesquisas de grupos de estudo sobre períodos literários determinados. Pretendemos, neste momento, por meio de programas de tratamento de vocabulário, estabelecer, primeiramente, concordâncias, depois róis de classes de palavras e de locuções, em seguida as listas por freqüência decrescente, e, finalmente, comparações e contrastes entre os dados obtidos e os de um ou mais poetas simbolistas franceses. Poderemos, com isto, verificar as analogias léxico-estilísticas entre escritores simbolistas brasileiros e franceses, que constitui uma das possíveis vertentes do método a ser estabelecido. Buscamos tornar possível, a partir de agora, o uso das bases de textos por meio de diferentes tratamentos possíveis do vocabulário, com a ênfase voltada para o domínio da análise literária.

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Jeane Mari Sant'ana Spera (UNESP)

O narrador Riobaldo, responsável pela arquitetura narrativa de Grande Sertão: Veredas, conduz o jogo dialógico de modo a criar um vaivém discursivo que possibilita a detecção pontual de segmentos pertencentes à ordem do discurso e à ordem da história (respectivamente, mundo comentado e mundo narrado, segundo Harald Weinrich). Permeando um e outro momento narrativo, estão as obsessões fundamentais do narrador, das quais destacamos aquela relativa à existência ou não do diabo. As ambigüidades derivadas desse movimento oscilante entre o ser e o não-ser provocam ainda o deslizamento entre o real e o irreal, o dito e o não-dito, o aparente e o oculto, o dado e o suposto. A coerência, no entanto, é reconstituída no alinhavado constante de vários recursos argumentativos que buscam a adesão do interlocutor, cuja voz só é entreouvida pela voz do narrador. Nesses casos, verificamos, no discurso do narrador, a presença do recursos de variada natureza a fim de alcançar seu objetivo: a afirmação do interlocutor de que o diabo não existe. É, pois, nesses momentos de interlocução semi-explicita, na instância da enunciação, que se apresentam, com maior nitidez, elementos lingüísticos denunciadores das estratégias argumentativas que incitam o interlocutor/leitor a acompanhar esse “narrar dificultoso” para finalmente concordar com o narrador: “O diabo não há! ... Existe é homem humano.”

METÁFORAS DE NARRADOR E METÁFORAS DE PERSONAGEM EM SAGARANA, DE GUIMARÃES ROSA

Marcela de Almeida Moschem (UNESP)

Este trabalho utiliza as teorias da metáfora de Lakoff e Johnson(1980)e Fauconnier e Turner(2002),vinculada esta última à Teoria dos Espaços Mentais.De acordo com a primeira teoria,a metáfora é explicada pela transposição de um determinado frame de um domínio de origem(DO)para um domínio alvo(DA). A teoria da metáfora de Fauconnier e Turner,que complementa a primeira,com o modelo teórico do”blending”,considera o DO e o DA,respectivamente,como input1 e input2,a partir dos quais se cria um espaço mental genérico em que atributos de ambos os domínios se encontram,produzindo um quarto espaço mental,denominado de “espaço blending”. Partindo dessas conceituações da metáfora,o objetivo do trabalho é descrever os domínios de origem das metáforas dos contos de Sagarana,de Guimarães Rosa.O estudo dessa figura tem condições de revelar o grau de verossimilhança de seu trabalho,pois,como está sendo verificado,nas metáforas criadas por um personagem,ou narrador-personagem,os domínios de origem devem circunscrever-se ao universo do sertão. Já,quando o narrador é onisciente,em terceira pessoa,esse domínio pode ter um escopo muito maior,embora a manutenção dos domínios de origem nas coisas do sertão,mesmo nesse caso,tenha o poder de produzir um maior”efeito de verdade”.Trata-se,pois,de verificar até que ponto a metáfora contribui para a verossimilhança na obra de Guimarães Rosa.

NEOLOGISMOS VERBAIS DE MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR

Alessandra Ferreira Ignez (USP)

Como se sabe, neologia é o processo de criação de palavras em si; já a palavra resultante desse processo é denominada neologismo. A criação de novas palavras satisfaz a necessidade que o falante ou uma comunidade lingüística tem de alcançar sucesso na comunicação.

Caso uma palavra neológica seja muito utilizada por uma comunidade lingüística, seu provável fim será a dicionarização. Ela fará parte do acervo lexical da língua e do uso geral. Contudo, quando uma palavra é criada para um romance, o autor não tem a intenção de que seja

dicionarizada, mas pretende que seja capaz de exprimir melhor o que deseja transmitir ao leitor. Enquanto as palavras neológicas que são utilizadas correntemente na língua concorrem à posição de palavra dicionarizada, que pode ser aplicada em diferentes situações e por um período de tempo, a palavra criada para uma obra literária tem um valor momentâneo e estilístico, pois foi empregada apenas naquele contexto e criada especialmente para ele. A criação lexical dentro do universo literário não apresenta um valor comunicativo prático, mas serve para ornamentar o texto, para reforçar uma idéia ou para causar estranhamento.

No caso da obra *Memórias sentimentais de João Miramar*, pode-se dizer que se trata de um romance rico em criações lexicais, especialmente, em neologismos verbais. Ao fazer essas criações, o autor demonstra ter consciência do funcionamento de sua língua e da importância estilística dessas criações para a sua obra. Os neologismos verbais desse livro contribuem tanto para manter um dos principais traços estilísticos da obra, a brevidade dos enunciados, que pode ser observada durante toda a sua leitura, quanto para a interpretação e compreensão da mensagem. Sendo assim, cabe à apresentação um enfoque do processo de criação desses neologismos verbais e a expressividade alcançada por eles.

TOLICEONÁRIOS: DO SENSO COMUM À CIÊNCIA

Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS)

Vulgarmente toma-se por senso comum tudo aquilo que vem à tona nas “receitas” cotidianas para se viver e entender o mundo que cerca o homem. Dessa percepção, advém, por parte do universo acadêmico/intelectual, uma série de (prê) conceitos acerca dos ideais e dos valores constituídos e prestigiados por esse senso comum, geralmente associado a sujeitos intelectualmente inferiores. Esta proposta de comunicação, com base em estudos de filosofia da ciência e retórica, intenta identificar nos “toliceonários” de Gustave Flaubert (*Dicionário de Lugares Comuns*), Millôr Fernandes (*A Bíblia do Caos*) e Cesar Cardoso (*O Pai dos Burros*), por via da análise de alguns verbetes registrados em pelo menos dois deles (por exemplo, o verbete “ortografia”, encontrado nas obras de Flaubert e de Millôr Fernandes), a crítica que se dissimula por detrás de definições aparentemente baseadas na observação empírica e na catalogação do senso comum. Tendo esta hipótese de trabalho, o objetivo é demonstrar a tese de que existe um processo de continuidade que une o senso comum à ciência, ambos dando conta da necessidade de compreensão pelo homem do espaço-tempo onde vive (cf. ALVES, 2000: 14-21).